



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador Fernando Collor

Memorando nº 122/2018/GSFCOL

Brasília, 27 de novembro de 2018

Ao Senhor

Senador EUNÍCIO OLIVEIRA

Presidente do Senado Federal

Assunto: **Indicação para Comenda de Incentivo à Cultura Luís da Câmara Cascudo**

Senhor Presidente,

Pelo presente, tenho a satisfação de indicar o senhor Nelson dos Santos, conhecido como Nelson da Rabeca, para ser agraciado com a Comenda de Incentivo à Cultura Luís da Câmara Cascudo.

A uma Comenda que leva o honroso nome do mais importante pesquisador da etnografia do folclore brasileiro, uma pessoa do povo, que, criando dez filhos, labutou na palha da cana-de-açúcar até que descobriu, pelo aprendizado da vida, o talento para mestre rabequeiro e músico.

É no fundo de sua casa, na histórica cidade alagoana de Marechal Deodoro, que Nelson da Rabeca já produziu cerca de seis mil instrumentos. José Eduardo Gramani, professor da Unicamp, compositor e pesquisador musical, promoveu o trabalho de Nelson da Rabeca e sua importância para a cultura popular. Gramani até inspirou-se nessa experiência, que ficou registrado em CD musical gravado em 1994.

Entre tantos sons que emanam das raízes populares, a “tocada” de Nelson da Rabeca aguçou a curiosidade e ultrapassou fronteiras. Se Hermeto Pascoal já tocou com ele, o que dizer de outro gigante da música, o saxofonista norueguês Rolf-Erik Nystrom?



SF/18070.57820-38



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador Fernando Collor

Sobre Nelson da Rabeca, o musicólogo Wagner Campos afirmou: “Dominando todo o processo de sua arte musical, do corte da madeira, passando por todas as etapas específicas da construção de cada um de seus instrumentos, até a criação e interpretação de suas próprias composições, ‘Seu Nelson’ trabalha apoiado em uma sabedoria secular, representando o ponto de chegada de conhecimentos muito antigos trazidos na bagagem dos colonizadores, diminuindo distâncias entre passado e presente, tradição e atualidade”.

O jornal Folha de São Paulo, ao se referir a Nelson da Rabeca, que não teve mestres na família ou fora dela, destacou o fato de ele produzir um “som carregado de atavismos. As referências árabes e ibéricas da cultura nordestina saltam do passado remoto para o presente”.

Identificando-o como um dos mais legítimos representantes da cultura popular, o Estado de Alagoas o considerou formalmente como Patrimônio Vivo, “por deter conhecimentos e técnicas necessários à preservação dos aspectos da cultura tradicional ou popular de uma comunidade”.

Por tudo que aqui está dito e pelo que ainda segue anexo é que, através de Vossa Excelência, submeto o nome de Nelson da Rabeca ao Conselho da Comenda de Incentivo à Cultura Luís da Câmara Cascudo, instituído pela Resolução nº 7 do corrente ano.

Na expectativa de que a indicação ora formalizada obtenha justo reconhecimento, reitero meus cumprimentos a Vossa Excelência.

Atenciosamente,

Senador FERNANDO COLLOR



Nelson da Rabeca

Nelson dos Santos

Músico Natural de Alagoas

Rabequista, Acordeonista e Compositor Brasileiro



Patrimônio Vivo de Alagoas



“Vivi no canavial trabalhando pesado no corte da cana. Com 54 anos, vi um cidadão tocando violino na televisão e fui na mata, cortei a madeira, deixei secar, e quando secou fiz a rabeca, e acertei.”

Esta é a história de Nelson dos Santos, o Seu Nelson da Rabeca, como ele é conhecido por todos. Músico e luthier autodidata de 89 anos, sorriso fácil e simplicidade que irradia uma magia tão incrível quanto sua história com a música.



Biografia



Nelson dos Santos, nascido em 1929, em Joaquim Gomes, Alagoas, é compositor, instrumentista e construtor de rabecas autodidata. Começou a tocar esse instrumento com 54 anos de idade.

Assim como sua família, sua principal ocupação sempre foi a agricultura, principalmente a lavoura de cana-de-açúcar, onde trabalhou por anos como cortador de cana, até ele descobrir o talento para a música. Casado com Benedita da Silva, que o acompanha como vocalista, ele tem dez filhos, alguns dos quais também músicos.

Sem ter frequentado escola, portanto, sem saber ler, e sem precedentes musicais na família, Nelson aprendeu a tocar rabeca sozinho, aos 54 anos de idade, ao ver um violino pela televisão. Nelson "apaixonou-se pelo instrumento e decidiu fazer o seu próprio"

Vida Artística

Tombado como Patrimônio vivo de Alagoas, em 18 de Agosto de 2009. Sua obra abrange vários gêneros da cultura rural nordestina, como baião, xote, marcha, forró. Apreciado em Alagoas por um público cada vez maior e reconhecido por estudiosos e músicos Brasil afora, Nelson da Rabeca é o tema de um dos oito capítulos do livro Rabeca, o som inesperado (2002), que acompanhou Nelson e mais três rabequeiros do sul do país no processo de construção do instrumento.



Nelson dos Santos, mais conhecido como Nelson da Rabeca, que, até seus 54 anos de idade era cortador de cana nas usinas de Marechal Deodoro, cidade próxima a Maceió, e que ao ver um violino pela televisão, apaixonou-se pelo instrumento e decidiu fazer o seu próprio.



Daí nasceu a rabeca, que transformou sua vida. Passou a confeccionar e a tocar o instrumento, como ele próprio diz: “de cabeça”, sem nenhuma aula ou orientação. Ficou conhecido depois que começou a frequentar a Praia do Francês, onde tocava e vendia suas rabecas.

Em meados dos anos 90 passou por um problema de saúde que o deixou de cama. Por morar numa casa muito humilde e afastada da cidade, um grupo de amigos e admiradores criou o movimento Amigos do Nelson que tinha por objetivo arrecadar dinheiro para comprar uma casa mais digna e próxima, pois ele morava no distrito de Taquanduba.

Nessa época (2001) gravou o seu primeiro CD Caranguejo Danado, pelo SESC, o que lhe valeu um convite para participar do projeto Sonora Brasil, percorrendo o país e conquistando mais admiradores, como Hermeto Paschoal, Siba (Mestre Ambrósio), Mestre Salustiano (PE), Antônio Nóbrega, Wado etc... Com o dinheiro dos shows foi possível comprar a casa em que mora atualmente, onde tem a sua oficina e onde recebe os amigos.

Hoje, Nelson já gravou três CDs, gravou um show em DVD, tocou em quase todo o Brasil, participou por uma segunda vez do Sonora Brasil, foi entrevistado por Jô Soares, tocou no Canecão, no Rio de Janeiro, e teve sua vida num documentário: o vídeo Rabequiê - a vida e a obra de Nelson da Rabeca, que eu produzi e minha amiga Fernanda Reznik dirigiu. O documentário conta a história deste que é um dos mais queridos e talentosos artistas alagoanos.

Nelson da Rabeca é uma das pessoas mais iluminadas que existe. Toda a sua história, garra e determinação, sem falar em seu carisma, me conquistou em 1994, quando eu acompanhava um amigo músico, Alexon Dourado, num passeio de bicicleta até Marechal Deodoro, para a compra de uma rabeca. Desde então, surgiu uma amizade e uma admiração muito grande entre nós dois. Sempre o admirei, como artesão, músico e como pessoa.

Reportagem Folha de São Paulo

Ilustrada, Folclore - 04/02/99

"O Mário de Andrade pulou Alagoas quando mapeou o Nordeste. O que estou fazendo é apenas registrar o que há de melhor na música popular tradicional do Estado, dando um tratamento de alta tecnologia", afirma o empresário.

"Não quero que as pessoas confundam meu projeto com filantropia, porque é uma coisa estritamente empresarial. Sei que existe um retorno financeiro a médio prazo muito bom." O álbum deve ser lançado em março.

Entre sons de reisados, guerreiros, pagodes, canções de trabalho, forrós, emboladas e uma banda de pifanos que Gatto está levantando, chamou-lhe atenção a "tocada" do alagoano Nelson dos Santos, 70, o "seu Nelson da Rabeca".

Escondido, Nelson faz rabecas e compõe músicas no pequeno espaço da calçada de sua casa, em Marechal Deodoro (município a 24 km ao sul de Maceió). "Trabalho aqui fora, para a zoadá da rabeca não acordar os meninos", disse o artista, que tem dez filhos. Durante todo o ano, Nelson vai a pé ou de bicicleta vender rabecas e tocá-las na praia do Francês, a cerca de oito quilômetros de sua casa.

A música de Nelson, dotada da sonoridade melancólica e roufenha peculiar aos rabequeiros, utiliza processos técnicos muito simples. Talvez seja essa a razão de seu encanto, a autenticidade.

Com quatro cordas afinadas em quintas, sol-ré-lá-mi, a rabeca é um ancestral medieval do violino, com timbre mais baixo, que produz um som fanhoso, áspero e estridente nos agudos. O arco é constituído por fios de crina ou rabo de cavalo ajustados às extremidades de uma peça de madeira.

Tocada apoiando-a no coração ou no ombro esquerdo e com a voluta (parte superior da cabeça dos instrumentos de arco) voltada para baixo, a rabeca contribuiu muito para a evolução do violino.

Como Tomie Ohtake, Nelson da Rabeca não batiza suas obras. Indagado sobre o nome de uma música, ele responde empunhando sua rabeca e executa uma "tocada". Leia a seguir trechos da entrevista concedida pelo artista.

Folha - O senhor é músico ou "fazedor de rabeca"?

Nelson da Rabeca - Os dois. Dizem que cavalo velho não aprende passada nova. Mas há 15 anos que aprendi, faço e toco rabeca. Se botar a cabeça para funcionar, a gente aprende qualquer coisa, mesmo depois de velho.

Antes eu cortava cana, limpava mato e cambitava (transportava, nas costas de burros, cana-de-açúcar e lenha), mas faz uns 15 anos que vivo de rabeca e, de lá para cá, só topo com gente boa.

Folha - Em quanto tempo o senhor faz uma rabeca?

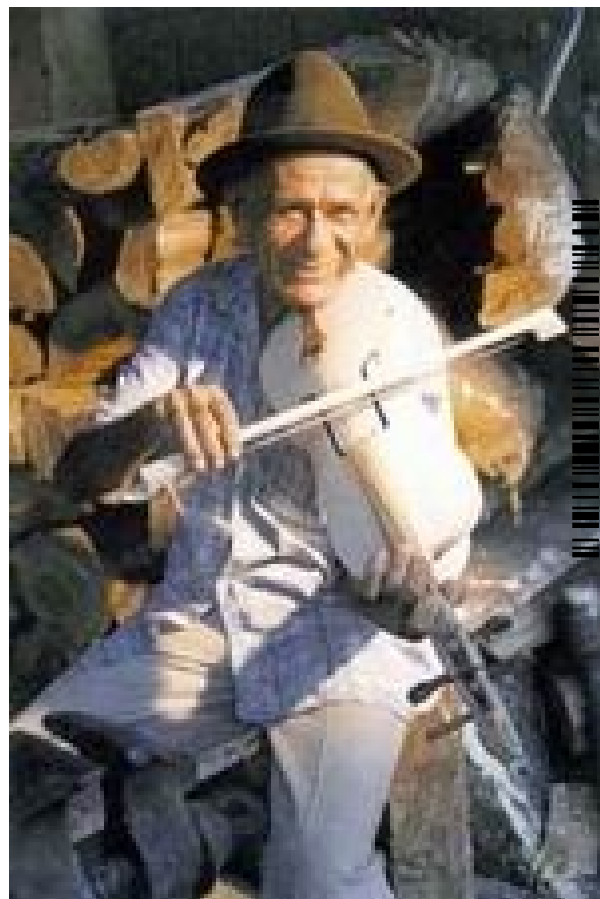
Nelson - Gasto quase uma semana. Eu fiz uma de encomenda para um homem de São Paulo, o José Gramani (professor da Unicamp, morto recentemente, que fazia parte do grupo Anima), em que gastei 11 dias. Também todo dia ele estava aqui cismando... Aí, fiz bem caprichado, né?

Folha - Quanto custa?

Nelson - R\$ 150. Quem botou esse preço foi o José Gramani. Ele me deu R\$ 250, mais um aparelho de som, pela rabeca que fiz para ele. Ele me falou para não vender por menos que R\$ 150, mas eu não tenho preço certo, não. Às vezes, vendo pelo que a pessoa oferece.

Folha - Onde e com quem o sr. toca?

Nelson - Nas praias. De vez em quando, alguém vem me buscar e vou tocar em Maceió. Já toquei até com aquele barbudo, que toca até em copo d'água...



Folha - Hermeto Pascoal.

Nelson - Esse mesmo. Toquei num show dele em Maceió. Gostou muito da minha tocada e das rabecas que faço. Comprou quatro, cada uma de uma tonalidade.

Folha - Que madeira o sr. usa?

Nelson - Jaqueira, traíba, gameleira, cajarana, mulungu mole, timbaúba e embaúba. No arco, uso rabo de cavalo e tem vez que faço da mesma madeira para combinar.

Folha - Como o sr. sabe se a madeira está boa para construir uma rabeca?

Nelson - Quando ela vem seca, faz um som bom, mas quando ela é meio zarolha é melhor.

Folha - O que é zarolha?

Nelson - Quando ela não é nem verde nem seca.

Folha - Que cola o sr. usa?

Nelson - Eu é que faço. Uso rabo de tatu-do-mato, chama também banana-de-macaco. Nasce de uma planta que dá em jaqueira, coqueiro... Por todo canto acha. É a melhor cola que tem pelo meio do mundo. É um "abacaxizinho".

Folha - E como vira cola?

Nelson - Pego ele e boto para assar no fogo.

Quando assa, descasco que nem a cana, tirando a capa de cima. Depois, rapo ele, aí fica um grude que cola juntando de um jeito que ninguém separa. De outubro até as trovoadas, é tempo de ter. Aí, não compro cola. Eu faço.

Folha - O que é música?

Nelson - Às vezes, a gente está pensando muita coisa e, quando começa a tocar, fica com alegria. A gente esquece tudo, de qualquer passado ruim. A música dá saúde para quem toca um instrumento.